A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

Ano II—Numero 98 | Preço avulso 1 Escudo | 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V, 18
TELEF. 651 N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

…TICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES

O Concilio plenario português

O grande cerimonial do Concilio plenario inaugurado esta semana, na Sé Patriarcal de Lisboa, com a assistencia de todos os bispos portuguezes.

LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de André Brun, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro Colaço, etc.

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 98

LISBOA 28 DE NOVEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS Rua D. Pedro V 18 – Telefone 631 N. – EDITOR JULIO MARQUES – IMPRESSÃO – Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

NESTA manhã de frio e bruma, em que estou escrevendo, ao rebuscar assunto cronicavel, deparo a morte de Ipana e um arrepio me aflora á pele. E' do frio da manhã brumosa ou de comoção pelo passamento da simpatica elefante?

De entrada não distingo se é de fora ou de dentro que me vem, á flor da pele, o arrepio, mas enquanto a pena ensaia, no ar, as volutas das letras da palavra que ha-de iniciar a cronica e no cerebro se equilibra a frase com que o periodo vai abrir, como uma inspiração desce sobre mim a certeza de que a evocação da morte de Ipana, nesta manhã de frio e bruma, me emociona e faz pena.

Quem não nasceu elefante — e eu sou um desses — não pode calcular o que seja viver num «chalet», embora arquitectado pela proficiencia de Raul Lino, curtindo saudades das florestas densas e impenetraveis, que são hoje o saldo escasso do Paraizo sobre a Terra.

Assim viveu a Ipana, que durante os anos em que nos distraiu ou nos divertiu no Jardim Zoologico, e eu digo divertiu porque mais duma vez deparei cavalheiros respeitaveis junto á estacada do cerrado, em que a pobre Ipana passeava a sua neurastenia intestinal, divertidissimos e rindo de boa vontade das enormes orelhas, da volumosa tromba e dos olhinhos minusculos do bicho, como se ela fosse mais culpada de ter nascido elefante do que eles de terem nascido estupidos.

Algumas tardes lá fui sauda-la e vê-la fazer a habilidade de ir com a tromba buscar á cabeça o bocadinho de cenoura que o tratador lhe punha sobre a testa. Sempre que via a Ipana fazer este gesto — se é que com as trombas se gesticula — eu louvava a Natureza, que nunca deixa de aproveitar o ensejo para demonstrar a unidade da creação, confirmando que todos, elefantes, borboletas ou homens, provimos de mesma celula inicial, temos as mesmas necessidades de nutrição e até coincidimos em certos modos de vida, porque, por exemplo, o que a elefante fazia, ou fosse o tirar o comer da cabeça, tambem diariamente o faço eu e outros escribas que nos nutrimos de miolos... sem ovos.

A falecida contraiu, entre a civilisação, um habito detestavel, embora corrente e praticado entre todas as classes sociais: o «encosto». Visitante com cara de boa pessoa, que ela visse aproximar-se do cercado, estendia-lhe a tromba e com um piscar de olhos significativo pedia-lhe um tostão emprestado. E porque era curiosa, como todos os animais do sexo feminino, andando ao facto de todas as Angolametropolices deste mundo, tinha o cuidado de verificar se o dinheiro emprestado não era de emissão particular.

E' pena que os elefantes, animais estimaveis que só teem o inconveniente de deixarem os dentes em testamento para fazer teclas de piano, é pena, dizia, que os elefantes, especialmente os cativos, não escrevam as suas memórias.

Que notas interessantes não haveriam de conter as memorias da Ipana sobre a sovinice de alguns banqueiros, que nem a juros lhe deram o tostão da praxe, sobre a crueldade estupida das crianças cuja má criação está entregue ao cultivo das «frauleins», «institutrices» e artes correlativas e ainda acerca da decepção de certos grandes homens que, perante a sua corpulencia, não ocultavam o desgosto de não poderem competir com ela em dimensões e na admiração da turba. Infelismente a Ipana levou consigo, para o embalsamador, o segrêdo das suas observações judiciosas. E se alguem bastante curioso as quizer conhecer só um recurso lhe resta: a evocação da Ipana morta e a consequente palestra espirita.

O que é conveniente é não esquecer que, para evocar um espirito de elefante a mêsa de pé de galo é fragil e naturalmente vai-se abaixo. Será preciso empregar, para o efeito, um movel de ave mais resistente: a mêsa de pé de avestruz, por exemplo.

Crónica alegre

POR ANDRÉ BRUN

DE QUE ELES MORREM

Quantas vezes nos bosques equiatoriais onde deslisou serena a nossa mocidade, ao ver desfilar, serênos e trombudos, os elefantes que por ali são quotidianos, nós perguntámos aos nossos botões:

— De que morrerão estes nossos amigos?

Porque, em nosso entender, um elefante não podia morrer de diabetes, de artério — sclerose, de congestão de rins. E a opinião assente era que, como o seguro, o elefante morria de velho. Vivia muitos anos, fazia alguns seculos e uma bela noite de luar, daquelas em que vibra toda a selva, fechavam os olhos, trabalho pequeno, e entregavam a sua alma de elefante ao Creador.

A semana passada trouxe-me uma grande desilusão. «Ipana,» a nossa querida «Ipana», morreu e diziam os jornais que fôra duma afecção gastro intestinal. O quê? Pois um elefante morre como um segundo oficial da Junta do Crédito Publico? Foi com certeza a civilização que habilitou a pobre elefante a morrer dum modo tão prosaico. Lá na selva distante nunca se ouviria falar em afecções gastro-intestinaes. Foi preciso ser enterrada num jardim zoologico, ter comido a horas e por medida a ração para que o sólido estomago da "Ipana„ se predispuzesse ás digestões irregulares e nele se abrisse campo ao mal que a matou.

Depois havia uma coisa que muito deve ter contribuido para destrambelhar o estomago do bicharôco: aquêla história das cedulas. Não ha duvida que ela tinha sua gracinha aceitando das nossas mãos a mais suja das notas de meio tostão que a nossa algibeira encerrava. Mas, enquanto a ia meter no seu mealheiro, havia um forçado contacto que lhe deve ter feito um mal horrivel. Nós já estamos acostumados, estamos imunisados contra esses micróbios; mas um pobre elefante...

Enfim! A terra lhe seja leve; mas francamente para morrer duma doença de estomago não vale a pena ser elefante.

A EPOCA DA VIDA

Na ultima crónica escrevi que em Portugal se não passava cousa nenhuma que não havia o minimo sinal de evolução verdadeira. Recebi, a tal respeito, uma carta dum tenente, dos «afectos á situação», como se usa dizer. Pergunta-me o meu amavel correspondente se não considero nada a obra do governo. Deus me livre de semelhante ideia. Respeito-a, admiro-a e venero-a. Mas e cuido não ser indiscreto revelando ao snr. tenente que embora chovam as sabias reorganisações, ha um aspecto pelo qual a obra do governo interessaria profunda e directamente uma enorme maioria. Era se o problema da vida, mercê de medidas rapidas, severas e imparciais, tivesse melhorado. Mas não. Pergunte o meu caro tenente á sua criada, se tem posses para a ter, e ve á o que ela lhe diz. O azeite, aquele bom azeite com que se fritam os besugos e se alumiam os santos, de seis escudos passou para dez e os tendeiros sorriem anunciando-o a vinte para o Natal. Tudo tem aumentado. Ha dias o jornal do governo publicava um artigo intituiado: — «Vae faltar a carne. O nosso gado é todo exportado para o estrangeiro». Quando os que teem a espada na mão falam assim, que havemos de concluir? Que me importa a mim, chefe de familia, que saia um admiravel regulamento dos faroes? Estimo imenso que a instrução primária, secundaria e superior sejam remodeladas e passadas a ferro. Mas não estimaria mênos que cada dia os jornais me dessem noticia de que tinham sido tomadas medidas para facilitar esta complicação da existencia em que se debatem centênas de milhares de cidadãos, — que, isso posso assegurar lho, meu caro tenente, — vendo, aliaz muito logicamente, o problêma como êle é, não morrem de entusiasmo pela obra do governo e consideram êste como outro governo qualquer.

UMA HISTORIA

Anatole France, uma noite, no salão de Madame de Caillavet, depois de jantar e muito inadvertidamente, soltou um ruido de caracter gazozo, que teve a infelicidade de se fazer ouvir. France, muito embaraçado, começou remexendo uma cadeira para disfarçar

Então a sua ninfa Egéria, tocando-lhe no ombro, disse-lhe:

— «Não se cance, meu amigo. Ha rimas dificilimas de encontrar.

MATUTINO

— Parece-me que eu nasci ás seis da manhã.
— Oh menino; quem te não conhecesse... eras lá capaz de te levantar tão cedo!

LENTIDÃO

Oh filho, estás fazendo a barba com um socego!... Quando acabas desse lado já está crescida do outro!...

Má língua

MENDIGOS

Dizem que estes senhores, inimigos
de toda a tradição, querem, á tôa,
acabar com a praga dos mendigos
que pululam nas ruas de Lisbôa.

Parece que procuram com urgencia
— isso causa-me horror, e não o escondo —
organizar um «Palace» á indigencia
no palacio dos Condes de Redondo.

Afinal, que mal fazem os pedintes
pedindo uma esmolinha por favor?
Por que injustos e barbaros acintes
os condemna uma ordem superior?

Andam na rua? Tambem nós andamos.
Querem centavos? Tambem nós queremos.
Caçam mantença? Tambem nós caçamos.
Teem defeitos? Tambem nós os temos.

Lá porque um mostra um braço descarnado
torcido em contorsões confrangedôras
— não vemos muito osso deformado,
do joelho p'ra baixo, nas senhoras?

Quando se sabe que um morreu de velho
com dez contos de reis no Monte-Pio
todos apontam esse horrendo espelho
num indignado e negro calafrio;

mas ao saber que um moageiro arguto
tem dez mil contos numa burra de aço
muitos dizem: — que gajo!, outros: — que bruto!,
— cumprimentando-o com desembaraço;

entretanto o mendigo «horripilante»
poupou no pão, passando a vida aos ais,
— e o outro encheu-se de oiro num instante
innundando de lixo o pão dos mais!

Cortar aos andrajosos a carreira
era uma crueldade, que diacho!
Nésta era de potencia moageira
coitado do que está na mó de baixo!...

E tóca a engavetar os que têm fome,
expropriando o casarão de um conde.
Porventura a miseria que os consóme
deixará de existir... porque se esconde?

Quem pedir trez escudos por um ovo
é claro que não anda a mendigar;
e não o abrange este criterio novo
que diz co'os seus botões: — antes roubar!

Toda a lei de funil um dia esbarra
nos seus proprios defeitos. Não me illudo;
— um funil, em si mesmo, é uma bocarra
que vem a terminar por um canudo...

Mendigar! Pois se todos mendigamos
qualquer coisa na vida... O ideal sonhado,
as flores, aos jardins, frutos, aos ramos,
paz, á consciencia, sinecura, ao Estado.

Tem que ver, se vae tudo em cambulhada
na rêde policial que se avizinha,
só porque toda a coisa mendigada
passa a ter um castigo que não tinha.

Se ninguem mais pode exprimir desejos,
desejos materiaes sem fins ignotos,
prendam laméchas que mendiguem beijos
e deputados que mendiguem votos!

Por mim, farei correr a tinta a rodos
contra a injustiça que desperta e se ergue.
Haja mendicidade — ou prendam todos.
Tudo na rua — ou tudo num albergue!

TAÇO

HUMORISMO

Pagina Alegre por Xisto Junior

UMA HISTORIA COIMBRÃ

O meu visinho Natario, que celebrava nesse dia com um jantar obrigado a galinha e um baile a gramofone as suas bodas de prata, teve a gentileza de me convidar para assistir á sua *soirée*, endereçando-me o convite pela forma mais pratica e usual entre visinhos que manteem boas relações ou seja fazendo a criada bater no tecto da casa com o cabo da vassoura.

Prevenido por este calograma de vassoura sem fios de que a minha presença era reclamada em casa de Natario, vesti á pressa o meu fraque, que fui encontrar num estado de grande excitação nervosa, devido ao abuso de café a que ultimamente se tem entregado esta prestante peça do meu vestuario de cerimonia, que julgo atacada de ictericia, tão esverdeado é o seu aspecto doentio.

Na sala do meu visinho, dispostas no canapé de palhinha e em varias cadeiras do mesmo material, havia algumas senhoras entre os vinte e os sessenta anos, vendo-se ainda, além dum *bull dog* de gesso que estava debaixo duma *console*, dois terceiros oficiais do ministerio da Agricultura, um caixeiro de retrozaria e alguns empregados de escritorio que discutiam *foot-ball*. Abracei efusivamente o visinho Natario, felicitando-o pelas suas bodas de papel, visto a prata ter sido retirada da circulação, e imediatamente a esta frase de tão fino espirito correu na assistencia um murmurio de admiração e bom acolhimento.

Apresentado a cada um dos circunstantes ao som da marcha da *Carmen* que o gramofone ia moendo, em breve fui solicitado por uma senhora, que ocultava habilmente os seus trinta e nove anos sob densas camadas de crême e pó de arrôz, para cantar um fado de Coimbra.

A esta petição inicial, como se diz na giria dos tribunais, contestei com varias alegações muito bem articuladas, tendentes todas a provar que jamais a minha boca se abrira para deixar sair as notas dum fado. Levantou-se um côro geral e incredulo de vozes de ambos os sexos:

— Ora!... ora!... O senhor andou em Coimbra; deve saber tocar guitarra e cantar o fado!...

— Aquelas serenatas, hein?!

— E o Choupal...

— E as tricanas...

Recorri ás minhas brilhantes faculdades de argumentação para convencer aqueles cabeçudos, que já falavam em mandar pedir a guitarra emprestada ao padeiro da esquina, de que em Coimbra fadinhos, guitarradas, e outros acepipes da tradição poetica não eram gratuitos nem obrigatorios e que, além disso, o severo programa do curso de direito, pelo menos no tempo em que o frequentara, não incluia a cadeira de guitarrologia ou a de historia das fontes e instituições do fado corrido em lá menor.

Felizmente acorreu em meu auxilio um dos amanuenses do ministerio da Agricultura, que afirmou ter conhecido numa comarca do norte um certo delegado do procurador da Republica que, á sua qualidade de bacharel formado pela Universidade de Coimbra não reunia, tal como eu, a prenda de tocar guitarra. Este valioso depoimento tirou-me de apuros, reforçando consideravelmente a minha argumentação, a que veiu pôr termo Natario com o oferecimento dum calice de aniz escarchado, que é para mim, depois da canja de perú, a bebida mais detestavel.

Os animos serenaram e os espiritos distraíram-se da minha pessoa, mercê da oportuna intervenção dum disco do gramofone, em que uma voz rascante imitava a ruidosa animação da feira de Alcantara. Todos escutavam enlevados e sorrindo, como se o aparelho estivesse reproduzindo em sons purissimos uma romanza de Caruso, e já eu aproveitava este enlevo distraído para despejar num vazo, onde fingia que vegetava uma falsa begonia, o calice do horrendo aniz escarchado, quando a voz da senhora dos trinta e nove anos disfarçados a ingredientes de perfumaria me interpelou, sem respeito pelo disco que nesse preciso instante reproduzia o falsete do D. Roberto que anunciava o espectaculo e os preços do teatro dos fantoches:

— Vosselencia, senhor doutor, nunca amou?

Todos os olhos se fixaram sobre mim. O proprio gramofone, falto de corda, estacou. Fiquei tão embaraçado que citei ao acaso a *Ceia dos Cardeais*, adulterada:

— Ora essa, minha senhora!... Se amei... Se amei... Pode-se lá «amar» sem ter «vivido» alguem!...

Aquelas senhoras, pesadas da digestão da perna de carneiro assada com que fechara o banquete do meu visinho Natario, estavam sedentas dum bocadinho de sentimento e aos cavalheiros presentes não desagradava tambem um pouco de poesia, para rebater. A implacavel donzela de trinta e nove anos foi logo secundada por outras boas vontades, que apeteciam historias mimosas de amores á beira do Mondego, em que eu certamente não deixara de ter sido heroi.

Pode um bacharel formado, sem perigo de maior para a sua reputação, declarar que nunca cantou o fado nem tocou guitarra nos degraus veneraveis da Sé Velha por noites de lua cheia, mas perante uma assembleia de senhoras sentimentais e de cavalheiros em igualdade de circunstancias de enternecimento, é muito grave não ter alguem no seu passado de estudante uma ou duas aventuras amorosas para exibir. Medindo as responsabilidades de novas escusas, improvisei, em homenagem á tradição coimbrã e em proveito do men prestigio de homem fatal, uns amores da boa feição poetica de que se tem nutrido a lenda através de sucessivas e numerosas gerações de bachareis.

* * *

—Vou contar-lhes um caso... —comecei eu.

Tinham-me dado o melhor lugar no canapé, junto da dama dos trinta e nove anos. Em volta fizera-se um semicirculo de pessoas atentas e veneradoras.

—Eu pélo-me por estas historias de Coimbra!—dizia Natario ao ouvido do caixeiro da retrozaria.

—Conte assim uma coisa bonita de tricanas, estudantes e luar, como vem no romance do Camões...—suplicavam os trinta e nove anos, pousando com suspeitosa ternura a mão ossuda sôbre a manga do meu fraque.

Reunindo reminiscencias da tradição e da paisagem, relembrando coçadas historietas dum sentimentalismo todo postiço e puxando o estilo, comecei, entre um silencio tão profundo que se ouvia o ressonar da criada na cosinha em dueto com a agua que fervia para o chá:

—Foi no Choupal, numa tarde de outono, que a conheci. Chamava-se Isabelinha e tinha olhos verdes, verdes como os choupos de tremula folhagem, verdes como os salgueirais que se debruçam sobre o murmuro Mondego...

Tanta verdura criou em volta uma emoção anciosa. Os peitos arfavam. Suspiros circulavam.

—Que lindo!...

Passei devagar o lenço pelos olhos e continuei a ecloga:

—Num remanso de aguas que o rio ali fazia, sombreado de altos choupos —(eu metia o choupo, sempre que podia, na descrição, porque dá um certo tom ás coisas coimbrãs).

— Isabelinha, com os pés mergulhados e as saias arregaçadas eté ao joelho, lavava afanosamente umas ceroulas, quando eu cheguei junto dela. Nas suas formosas mãos, as ceroulas pareciam uma vaporosa combinação. Mas não houvera combinação alguma e só o acaso ali me levara. Rendido por tanta formosura, saudei-a com galanteria:

«—Deus te salve linda cachopa!

«E ela, mostrando uns dentes muito iguais, que o uso da brôa tornara brilhantes e brancos como porcelana, retorquiu-me com o cumprimento classico das lavadeiras do Mondego:

«—Boas tardes, senhor doutor! Dá um vintemzinho p'ro café?

«Não lhe dei um vintem, mas dei-lhe toda a minha alma. Amei-a com enlevo, com ternura, com elevação. Estirado na relva que o verão crestara, com a cabeça sôbre os seus joelhos torneados como bolas de bilhar, disse-lhe os mais sentidos versos com que a minha lira predissera esse amor imenso que ela me merecia.

«A tarde descia da mansa serenidade do ceu palido. A meu lado, sôbre a relva, jazia, aberta e inutil, a «sebenta» de direito colonial, que eu levara para, á sombra dos choupos, me familiarizar com os misterios da legislação para pretos. Então a minha Isabelinha, estendendo o braço mais branco que as ceroulas abandonadas á beira d'agua e cujos atilho flutuavam na corrente, colheu o papel enegrecido de letras e sciencia, preguntando com aquele vicio de pronuncia que consiste em trocar os vv pelos bb:

«—Pode-se «ber»?

«Assenti e a gentil tricana, para me mostrar os seus conhecimentos, começou a soletrar a prosa da «sebenta». Eu cerrava os olhos de goso, no encanto da sua vozinha de ouro. De repente, saltando do texto ás notas chamada por um algarismo a sua, atenção para o fundo da pagina, Isabelinha leu:

«—*Bidé obra citada*...

«Pus-me em pé, num salto. Podia lá ser! A prosa catedratica do dr. Ulrich não usava adornar-se com semelhantes utensilios. Verifiquei, com um suspiro de alivio, que a nota dizia correctamente:

«Vide obra citada, a pag. 259 e seguintes».

«A minha Isabelinha não sabia latim e nem sequer francez de trazer por casa».

Nesta altura da narrativa, o meu visinho Natario, não querendo desconsiderar-me, mas vendo o estado de consternação em que todos se encontravam, passou pensativamente a mão pela testa e disse:

—Agora vamos ao chásinho, hein?!

O resto da historia do nosso doutor fica para outra vez—para quando eu celebrar as minhas bodas de ouro, por exemplo.

Curiosidades

PARA CONSERVAR OS OVOS

Os ovos conservam-se perfeitamente durante sete meses, pelo menos os ovos que acabam de ser postos, se se tiver o cuidado de lavar a casca cuidadosamente, impregnando-a depois de um por cento de ácido salicilico. Estes ovos devem ser colocados num lugar fresco e sêco. Se se embrulharem os ovos assim engordorados em papel azeitado, conservam-se mais tempo. Nos dois casos, nem o sabor nem o gôsto se alteram.

A MADEIRA DOS LÁPIS

Os bons lápis, os lápis de luxo, devem ser de madeira de cedro vermelha, contendo plombagina. Acontece, porem, que a madeira do cedro vermelha foi tão explorada para a indústria dos lápis que se tornou rara e carissima. Procurou-se uma madeira que substituisse a que já escasseia, mas não sendo ainda possivel encontrá la, procurou-se o cedro vermelho em outros sítios. Soube-se que em Tenesse havia muitas casas velhas construidas de cedro vermelho; os fabricantes de lápis não hesitaram; compraram as casas para as demolir, reconstruindo-as depois com material menos precioso. Nos Estados Unidos estão pagando-se a bom preço tôdas as construções em cedro vermelho.

LAPIDAGEM DE DIAMANTES

Luís de Berguem, de Bruges, passou, durante muito tempo, por ter sido o inventor da lapidagem de diamantes, datando a sua invenção do ano de 1746. Mas no inventário das joias de Luís, duque de Anjou, inventário feito de 1360 a 1368, aparecem diamantes lapidados. A respectiva arte fez progressos por volta de 1407, graças a um operário chamado Kerman, mas foi na verdade Luís de Berguem quem a aperfeiçoou, inventando os processos mais favoráveis dos jógos de luz. Há autores que afirmam que o trabalho de lapidar o célebre diamante *Régent* custou 125.000 francos e levou dois anos. O diamante em bruto custava 312 500 francos e depois de lapidado foi comprado por 3 375.000 francos, em 1717, pelo duque de Orléans, apezar de ter diminuido muito de tamanho, depois que o lapidaram.

MAIS VALE TARDE

A decana das mulheres que teem o cabelo cortado é sem sombra de dúvida uma tal senhora Augustine-Restitude Touzet, que habita na região do Somme, em Auxi-le-Château. Nasceu a 6 de Janeiro de 1823 e conta, portanto, cêrca de cento e quatro anos. Cortou recentemente os cabelos, dizendo ao cabeleireiro que se decidira a isso, porque nunca era tarde de mais para realizar uma boa obra. Ainda muito activa e alegre, Augustine-Restitude Touzet é solteirona. Apezar da sua idade, é bem uma mulher moderna.

Charlot fóra do cinema

«CHARLOT» chama-se Charles Spencer Chaplin e nasceu num bairro excentrico de Londres, em 1889. Seu pai era cantor e sua mãe dançarina. O pai morreu lhe, quando ainda era muito pequeno. A mãe dansava. Ele sofreu doença, miséria e dias de fome. A mãe tinha um notável talento mimico e é provavel que tanto Charlot como o seu irmão mais velho, Sydney, com ela aprendessem alguma coisa, desde a idade dos seis ou sete anos. Os dois irmãos começaram a figurar na scena desde muito tenra idade. Charles ainda não tinha dez anos quando se estreou no «music-hall» como «boy. Aos oito anos, fazia já, em scena, uma dificil dança com tamancos.

Um dia, inesperadamente, o jovem Charles Chaplin teve a alegria de ver que o Director do seu teatro lhe confiava um papel de importancia. Pode dizer-se que êsse director teve um faro genial. Descobrir um grande actor, um actor da categoria de Charlot, sob a máscara humilde dum pobre principiante, tem qualquer cousa de admiravel.

O papel de importancia confiado ao futuro Charlot foi o do personagem «Billy», o «groom» da peça americana «Sherlock Homes», um garoto misterioso e astuto que admirava e amava entusiasticamente o seu patrão.

Charles aperfeiçoou o seu natural talento histrionico em Londres, na célebre e clássica «troupe» de pantomimas de Karm. Essa troupe era afamada por cultivar todas as especialidades caracteristicas do impagavel comico inglês, tais como acrobacia, paródias, melancolia que provoca o riso, danças, etc. Chaplin tinha dezassete anos quando entrou para a «troupe» de Karm, onde aceitou papeis modestos. Trabalhou sem descanço. Foi com a sua companhia á América, voltou para Londres com ela, tornou a segui-la até Nova-York, regressou ainda á Inglaterra e, durante quatro ou cinco anos, especialisou-se num repertorio de pantomimas que mais tarde lhe sugeriu argumentos para o cinema. Foi graças a Chaplin que a comédia inglesa, dum humorismo tão discreto e espirituoso, conquistou o cinema americano.

Quando a companhia americana Keystone C.º contratou o jovem nimico inglês, há uns doze ou treze anos, a estreia não agradou nada á direcção. Charlot não admitia — como os americanos—os movimentos grotescos do corpo sem mudança da mascara, sem os respectivos movimentos do rosto. O seu trajo tambem não se singularisava por qualquer das extravagancias tão apreciadas na América.

A Keystone chegou a propor-lhe a anulação do contrato. mas em breve se arrependeu, conhecendo nêle um intérprete artista e não um palhaço. Pouco depois a companhia começava a ganhar rios de dinheiro e alguns actores americanos, imitando os processos de Charlot, encontraram tambem a fortuna.

O metteur-en-scène» de Charlot, nos studios de Los Angeles, é Mack Semett, um grande compositor de «films».

Em 1915, entraram em França as fitas inventadas por Charlot, que, sob este nome e o de «Carlito» ou «Charlie», se tornou o homem mais célebre do mundo. As propostas de contracto chovem. O grande cómico aceita o que lhe propõe a Essanay C.ª e estreia-se nos studios de Chicago, na fita «Charlot aprendiz.» E' nessa companhia que faz alguns dos seus melhores «films», acompanhado por Edna Purviance, uma linda loura que é digna de contracenar com ele e a quem ensaiou magistralmente.

Terminando o contracto com a Essanay, Charlot, depois de descansar e de se divertir durante umas semanas, assinou com a Mutual Film Corporation um contracto que lhe assegurava ganhar meio milhão depois de fazer doze fitas, no espaço dum ano. Esse contracto foi integralmente cumprido e Charlot produziu doze novas obras primas. Em 1918, assina com a Fivot National Exhibitore Association um contracto, ganhando um milhão de dolares,—hoje, vinte mil contos!—por fazer oito fitas. O sucesso, porem, nunca o fez adormecer sob os louros. O grande actor aperfeiçoou-se sempre mais de dia para dia.

Charlot é hoje um multimilionario bisonho e calmo. Habita uma agradavel casa do campo na Califórnia. Ou trabalha para o cinema ou escreve. No convivio dos amigos, é alegre. Os seus melhores companheiros são Douglas Fairbanks e Mary Pickford. Lê livros de tôda a ordem. Toca violino bem e piano bastante mal. Adora as crianças, que são, com o cinema, a sua maior paixão. As crianças de Hollywood e de Los Angeles teem a invejavel alegria de brincar, ás vezes, com o homem que faz rir as crianças de todo o mundo. Charlot teve um filho, que lhe morreu quando tinha mezes e cuja perda o deixou inconsolável. Chaplin casou com Mildred Harris, que, dum dia para outro, se tornou Mildred Harris Chaplin e grande estrela do cinema mundial. Mais tarde, mas pouco depois, Mildred separou-se de Charlot, declarando que êle não lhe dava de comer, que lhe batia e se embriagava. Charlot não quiz defender-se destas acusações cuja veracidade o mundo não acreditou.

Chaplin tem o seu teatro proprio em Los Angeles e é aí que trabalha, rodeado pelos seus colaboradores e por todos os mais modernos maquinismos da especialidade. Charlot é exigentissimo para o seu proprio trabalho; logo que executa uma scena, projecta-a no «écran» para vêr os defeitos que tem e emendá-los na repetição da mesma scena. Para fazer uma fita de seiscentos metros inutiliza doze mil metros de pelicula, o que quere dizer que, em média, cada scena é repetida vinte vezes. A sua ânsia de perfeiçoamento é tal que ultimamente só «filmou» duas fitas por ano.

Charlot é muito caritativo, sempre pronto a colaborar em festas de beneficencia. A cousa que mais o indigna é que lhe imitem escandalosamente os «trucs». Para evitar isso não admite no seu teatro, durante os ensaios e «filmagem», senão pessoas da máxima confiança e só muito raramente algum actor que não entre na fita. Max Linder, que foi seu grande amigo, e a quem chama a seu professor, poude, no entanto, vê-lo a trabalhar e escreveu acêrca dêle um notável artigo, publicado em 1919, na revista «Film».

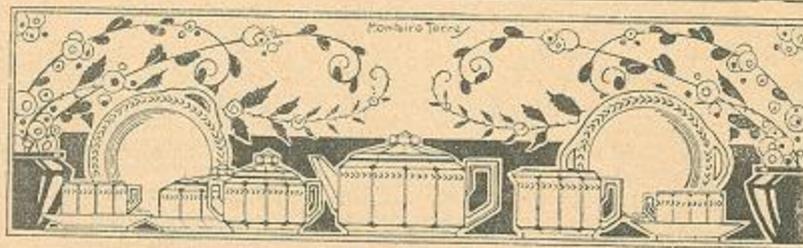
DOLOROSA PEREGRINAÇÃO

Em determinada época do ano, os índios percorrem um certo número de quilómetros para ir adorar a imagem de Jaggernath. A partida, em geral, efectua-se em Bénarês, e os peregrinos dirigem-se a Pouri, no Orissa, onde se encontra o templo. Mas alguns peregrinos, para chamar a protecção do deus ou para cumprir uma promessa que lhe fizeram, realizam a viagem duma maneira que tem tanto de esquisito como de incómodo. Deitam-se de costas e rolam até ao templo — como barricas — sôbre estradas más, e por vezes lamacentas e cheias de buracos. Cada um vai acompanhado pela mulher que, não podendo caminhar assim, contenta-se com encorajar o paciente, por meio de orações e palavras entusiastas. Uma multidão de peregrinos, decerto menos piedosos, segue esses homens que rolam sem parar e que teem um ar de beatitude, visinho da inconsciência. O rolar dos crentes dura ás vezes um dia inteiro, pois que partem de madrugada e só á tardinha chegam ao templo.

PIGMEUS

Conta o *Daily Telegraph* que recebeu de Melbourne a noticia de que um colono alemão chamado Eidelberg, o qual empreendera subir o curso do rio Samu, atravez de regiões ainda inexploradas, descobriu, á distância de 200 quilómetros de qualquer centro civilisado, uma aldeia habitada por uma tribu de pigmeus. Esses homens pequenos, dos quais nenhum ultrapassa 1,m40 de altura, são brancos; vivem no meio de pântanos, numa especie de cidade lacustre, com cabanas de terra e caniços. A caça e a pesca sustenta-os, apezar das suas armas — arcos e flechas — serem das mais rudimentares. Depois de terem manifestado um grande terror, ao verem homens normais que lhe pareciam gigantes, mostraram-se acolhedores e hospitaleiros.

O MAIS VELOZ COMBOIO DO MUNDO

Parece que o mais veloz comboio do mundo é o rápido Paris-Calais, que foi inaugurado em 11 de Setembro próximo passado. Este comboio transpõe, sem parar, os 300 quilómetros que separam Paris de Calais, e a sua média horária é de 100 quilómetros, o que quer dizer que atinge freqüentes velocidades de 120 quilómetros nos pontos melhores do trajecto. A *Revue du Touring-Club de France* considera êste comboio o mais rápido do mundo. E é mesmo a proposito da sua velocidade que se faz uma «*blague*» bastante conhecida: Um passageiro dêste rápido travou-se de razões com um chefe de estação, em Paris, no momento em que o comboio se punha em marcha. Exaltado, ergueu a mão para esbofetear o homem, mas a velocidade do rápido é tal, que a bofetada foi assentar na cara do chefe da estação de Calais!

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

BARRA FORA!...

A semana passada, um dos aeroplanos da «Imperial Airways» que fazem a carreira entre Paris e Londres, partiu do aerodromo de Crydon, levando a bordo o dançarino Richard Grancele e a sua «partenaire». Como um dos vinte passageiros que compunham a lotação levasse consigo um gramofone, lembraram-se de lhe dar corda... E pela primeira vez se dançou num aeroplano.

A perfeita estabilidade do aparelho permitiu a Granville uma demonstração do novo «Smooth Charleston,» e dentro em pouco, os passageiros faziam a sua partida animada de «Dancing».

Não tardará muito que os "air-liners" montem um estrado para representações, á maneira do que se faz nos transatlanticos.

Quasi todos os paquetes modernos teem a bordo um palco onde se exibem grupos de artistas contractados.

Parte-se do principio que "representar" não é um divertimento exclusivamente "terrestre"...

Assim como a bordo se faz musica tambem se pode representar.

As companhias extrangeiras, a par da piscina, das salas de jogo, de ginastica, e de outros divertimentos, dotaram os seus melhores paquetes de uma sala de espectaculos.

Geralmente, o Teatro está instalado no Salão de Musica.

Quando não é um palco em regra é pelo menos, um estrado onde se pode fazer Teatro. E' este o melhor atractivo que os passageiros encontram para a viagem.

A Companhia Nacional de Navegação que já tem orchestra em alguns dos seus vapores, porque não havia de favorecer os seus passageiros, e, o que é mais, os artistas portuguezes, contractando grupos de seis ou oito figuras?..

Excelente medida, a nosso vêr, que resolveria talvez a "crise teatral". Por outro lado, a importante companhia colocava-se a pár das extrangeiras que não medem sacrificios para conforto para o bem estar dos seus passageiros.

E se os belos paquetes da lusulana, nãofôssem tão "bailarinos", ahi está uma ideia que tambem lhes aproveitava...

CARLOS ABREU

NORKA KOSKAYA

Damos hoje o retrato da admiravel violinista e arrebatadora dançarina, a baroneza Norka Koskaya, numa das suas mais belas e inspiradas creações. Em todo o mundo civilisado a carreira desta artista, hoje sem rival, tem seguido numa trajectoria de incomparaveis triunfos. A sua passagem por Lisboa ha de ser de certo coroada dum sucesso tão entusiastico como o que ela alcançou nas maiores cidades da Europa e da America.

UMA HOMENAGEM

Guilherme Pereira de Carvalho antigo director da Revista de Teatro, que parte brevemente a ocupar um posto comercial na Alemanha e a quem os seus amigos oferecem hoje um banquete de homenagem.

"Mozart" com "Tarifa 1"

Sacha Guitry em sessões, *Mozart* aberto em cautelas a tempo do ultimo electrico, exibido entre o «Saricoté» e o «Pistotira», num teatro do Parque, sem ambiente e sem tradições é um absurdo só possivel no nosso meio teatral de hoje.

Mas, deve estar tudo certo!

Lemos, com grande surpresa, que os direitos de representação da peça *Mozart*, de Sacha Guitry, incluida por Ilda Stichini no seu repertório da presente época, haviam sido adquiridos pela Companhia Maria Matos, devendo ser a pequena actriz Maria Helena quem desempenhará o papel do protagnista. Esta noticia impressionou-nos por motivos mais do que legítimos. Vimos a peça *Mozart*, em Paris, e ficámos com a idéia de que ela é uma das obras-primas do teatro moderno. E é dificil atingir maior grau de espiritualidade e de graça do que nas scenas adoráveis em que Sacha deu largas ao seu instinto dramático. O ritmo da representação dessa peça, no Teatro Eduardo VII, conseguindo a máxima harmonia entre o ambiente histórico e a maneira de sentir e de dizer, mil *nuances* de leveza, de futilidade, de despreocupação, e a forma de marcar profundamente a alma da época e os caracteres dos personagens, é muito dificil de imitar. A boa vontade só raras vezes atinge a Perfeição. No entanto, ao sabermos que era Ilda Stichini quem crearia o papel de *Mozart*, tivemos logo a certeza de que a peça de Guitry poderia ser bem aceite em Portugal. Ilda está no apogeu do seu esplendido talento scénico; é uma artista completa, com um admirável senso crítico e uma indiscutivel inteligência. *Mozart* fóra cair nos braços mais dignos de o receberem. A noticia vinda agora a lume causa-nos um sincero pezar. Temos por Maria Matos a admiração que merece; vimos em sua filha a mais graciosa mocidade, e, apezar disso, só podemos lamentar a falta de visão artistica de quem julga poder colocar, sôbre os hombros fracos duma criança, o pêso de responsabilidades que implica o desempenho do papel em questão. A actrizinha de catorze anos a fazer o grande papel de Ivone Printemps é tão inverosimil como reconstruir scenicamente o salão precioso e requintado do Barão de Guimer sôbre as tábuas dum teatro de feira.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

UMA scena da minha vida que tivesse ferido o meu impressionismo ha-de forçosamente meter uma mulher.

Lentamente, vou passando pelo *écran* da minha memória as historias de amôr de que tenho sido interprete: o enrêdo é quasi sempre banal, repetido, muitas vezes contado, os meus *films* são a repetição de atitudes e de gestos e de sentimentos dos outros *films*, tantas vezes focados sobre o *écran* da vida.

Decididamente, tenho que desistir duma novela de amôr.

Uma mulher interessante, digna de interpretar uma novela, é aquela mulher loira, que passou pela minha vida como uma estranha, e que eu nunca amei. Talvez porisso mesmo conservo dela uma recordação perduravel; talvêz porisso mesmo merece que eu me ocupe dela; talvez porisso mesmo ela me dá assunto para uma página de enrêdo.

A Leta não era uma mulher como todas; era mulher como algumas, como algumas mulheres que passam vertiginosamente pela vida de muitos homens, sempre incompreendidas, sempre enigmáticas.

Entregou-se por amôr, e nunca foi amada; foi muito desejada, e pouco entendida. Por isso a Leta tinha sempre o espirito revoltado contra todos os homens.

Era bonita, e sabia que o era.

Um dia encontrámo-nos. A Leta disse-me que queria fugir de casa da familia, onde a sua vida era um martirio. Confessou-me isto depois de lhe ter ganho a confiança, quando lhe disse que não a amava.

Dizer-lhe que a não amava! Eu era para ela uma raridade, um homem excepção, um homem que a não queria, que, materialmente, a não desejava, e que chicoteava a sua vaidade, dizendo-lho—e a satisfazia, irritando-a, contrariando-a; eu era diferente dos outros — e isto era o suficiente para lhe ganhar a confiança.

Preguntei-lhe o que pensava fazêr, sózinha, como vela perdida entre as tormentas do mar alto da vida.

Respondeu-me a mêdo. Não sabia. Para ela a unica aspiração era sair da vida que levava. Depois, não sabia...

Se pudesse entrar para o teatro...

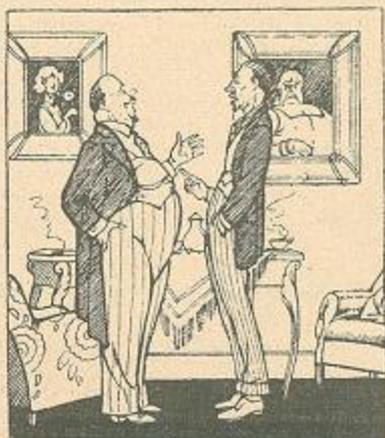
E descobriu então a sua grande ambição: ser actriz. Era bonita, diziam que a sua voz era agradavel... Se tivesse quem a auxiliasse...

Procurei dissuadi-la, pintando-lhe com tintas escuras o quadro da vida de entre-bastidores: as deslealdades, as vaidades feridas, as ambições estúpidas, as baixêzas de caracter, toda a miséria dessas scênas representadas

Preguntei-lhe o que pensava fazer, sózinha,

além-scenários, e que o público nem pressente.

Depois, as dificuldades de entrada e as dificuldades de vencêr...

Mas, se não fosse o teatro, o que seria?

E desci mais ainda, aos mais reconditos *bas-fonds* da sociedade, e descrevi-lhe a vida em toda a sua negrura, em toda a sua horrorosa verdade.

A Leta ouvia-me. Percebi que me escutava, sem tentar compreender-me, sem querer compreender-me.

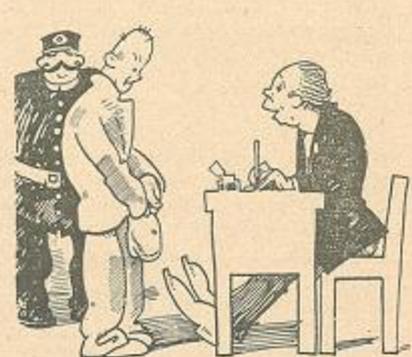
Olhei-a bem de frente. Quiz lêr no seu olhar que me censurava e me interrogava.

Esse olhar dizia-me que fazia mal em derrubar os seus castelos de sonho arquitectados durante tantas vigilias, e preguntava-me que resolução devia ela então tomar.

—Não sair, esperar—respondi-lhe eu. Mas logo compreendi que, para ela, esperar era peor do que tudo, do que toda a miseria da vida do palco, do que todo o horror da perdição irremediavel, do que a propria morte, em que ela já tinha pensado...

Esperar, era morrer devagar, morrer ao pêso dum sacrificio sempre igual, irritantemente igual, tremendamente igual, repetido dia a dia, que lhe aprisionava o espirito e lhe torturava o corpo.

Marquei-lhe então um praso.

Com uma vela de salvação à vista, com a força enorme que dá a esperança, o naufrago pode bem conseguir uma força extra-humana, que o aguente sobre uma fragil tabua à superficie das vagas.

Abri no seu horisonte a luz duma esperança. E a Leta prometeu esperar.

* * *

Mas... um *mas* abre sempre um novo capitulo na vida duma mulher, um *mas* marca sempre o inesperado, muitas vezes o irreparavel.

Apareceu mais um conquistador de profissão, tão materialista como os outros, mas mais ardiloso.

Aproveitou-se do estado de espirito da Leta, e quando êle lhe disse que a podia tirar imediatamente de casa e abrir-lhe as portas do teatro—a sua enorme aspiração!—ela não hesitou, e seguiu-o.

Não o amava—disse-me ela depois, na unica vez que a encontrei após da sua fuga—mas necessitava dêle.

A Leta foi, para êle, um objécto de luxo; satisfazia-lhe todas as necessidades, apresentava-a em toda a parte, orgulhoso da posse. Mas nada de lhe falar no teatro, no teatro que era toda a sua ambição, pela qual ela tinha acedido em acompanha-lo.

E um dia, sózinha, foi oferecêr-se a um emprezário, como corista. Contou a sua vida. Admitiram-na.

A Leta agradou.

Alguem se tem interessado por ela, sem nada lhe dizer e nada esperar dela.

E' muito possivel que vença.

Não sei, nem quero saber, da sua vida particular de hoje.

Disse-lhe um dia que recorresse a mim, para lhe dar o meu auxilio espiritual ou material, se algum dia a desgraça lhe batesse á porta.

Ela segue, iluminada pelo sol magnifico do seu sonho tornado realidade. Quanto mais a iluminar êsse sol, mais eu me encobrirei na sombra, seguindo-a sempre, satisfeito da sua felicidade, procurando que se não lembre mais de mim.

E oxalá ela me esqueça.

Tenho a certeza de que essa mulher, que eu nunca amei, só se lembraria de mim, como eu lhe pedi, se um dia fosse infeliz...

ERNESTO DE BALMACEDA

— Isso sim! Dar-lhe a mão! O pai correu-o a pontapés por saber a força do sujeito. E' com todas o mesmo. Olhe, chegou a namorar ao mesmo tempo a Rosita, a Joaninha e a Prazeres! Calcule, veja, o estofo do cavalheiro! Um Landrú, um verdadeiro Landrú...

— Um Landrú? Trovejou então fóra de si D. Bernarda. Um Malandrú, um grande Malandrú é que ele é, minha senhora...

AUGUSTO CUNHA

CONCORDANCIA

—Mas, meu caro amigo, nesse ponto partilho a sua opinião.
—Nunca, não consinto! Quero que a minha opinião fique inteira!...

A PROVA CONCLUDENTE

—A sua mulher acusa-o de a ter tentado envenenar!...
—E' falso, é falso!... E' uma calunia! Requeiro que lhe façam a autopsia para o provar...

LER O NUMERO DO NATAL DO «DOMINGO ILUSTRADO»

Administração

aos nosos estimaveis anunciantes

Prevenimos os nossos anunciantes de que, sob pretexto algum, devem facilitar quantias adiantadas aos angariadores de anuncios deste jornal, sobre anuncios publicados ou a publicar. Apoz a publicação dos anuncios, o cliente receberá um exemplar do jornal que insere o anuncio e um recibo autenticado da administração, da mão do cobrador. Os angariadores são sempre estranhos á cobrança.

UMA NOVELA NUPCIAL COMPLETA

Um az do "flirt"

Rapida novela farça, de observação e de ironia. Algumas scenas de comedia em poucas linhas.

A D. Bernarda, viuva do coronel Aguas, pretendia naturalmente casar a filha. A pequena fazia já 18 anos, sentindo-se portanto apta a complicar, de colaboração com a mamã, a vida de qualquer incauto mancebo matrimoniavel.

Era mister por isso não perder tempo, porque esta classe de mancebos vai escasseando. Tal qual a dos politicos ministeriaveis, que vão rareando com o descredito dos governos, estes vão rareando com o descredito dos matrimonios.

Tanto mais que a D. Bernarda sentia que a edade e o temperamento estavam já na altura propria a fornecer-lhe os necessarios requisitos de má disposição e de mau genio, indispensaveis numa sogra, que se presa de o ser com todos os matadores.

E pôz-se rapidamente em campo. Em campo e praia. Explorando todos os viveiros de nubentes; farejando a caça em todas as direcções.

Finalmente, por conveniencia de serviço, estabeleceu arraial numa das praias do norte. E conseguiu, dentro em pouco, fazer sósinha o arraial, dando á lingua por sete.

Com o habito adquirido na convivencia do coronel, tomou logo, praticamente, as mais estrategicas posições.

E movimentou de tal forma as coisas no hotel, que conseguiu logo arranjar mesa perto dum joven cadete atiradiço, que até ali, em plena liberdade, tinha flirtado com todas as pequenas, a torto e a direito, mal sabendo agora o perigo que tão perto o ameaçava.

D. Bernarda formou rapidamente os seus planos e deliberou fazer enveredar para ali as atenções da sua herdeira, certa de que, sob o seu ar marcial e o ascendente que lhe dava a sua qualidade de coronela muitissimo honorária, em breve o pobre cadete, preso no amor da filha e nas garras da mãe, ficaria impedido completamente de empregar tambem noutro lado as atenções.

Ao jantar D. Bernarda observou minuciosamente a futura vitima e constatando que o rapaz era cadete aviador, tomou as suas precauções, não fosse ele bater as azas. E deu logo instruções á filha no sentido de apressar o cerco ao az, ao futuro az.

A pequena obedeceu ás ordens de comando, mas a principio não conseguiu prender-lhe as atenções. E D. Bernarda vê então com desespero que o az se mete em copas.

Mas, verdadeira metade dum falecido guerreiro, não desanima e recomenda á filha outros processos de ataque mais seguros. Finalmente, á 2.ª refeição o az cai numa cilada, velha e banal sim, mas eficaz.

O velho truc do lenço caído ao passar perto da mesa do alvejado, que sem medir o perigo o apanha e o entrega, dizendo imprudentemente 4 asneiras em ar de galanteio. E está o contacto estabelecido.

D'ahi por deante são as ligeiras inclinações de cabeça, em discreto cumprimento, sempre que se encontram e depois, todo o crescendo de intimidades, que vai até ás grandes inclinações totais, de cabeça, tronco e membros.

E dali a dias já se conhece a vida intima do cadete, que é filho dum abastado comerciante e se chama Furtado.

Nos primeiros tempos tudo é interesse, curiosidade, maré cheia de confidencias reciprocas.

Mas pouco a pouco, começa faltando o assunto e começam chegando os dissabôres.

Longe da completa abstracção dos

O az, confiando plenamente no estro do amigo,

primeiros instantes, começou ele por extranhar as constantes intervenções da futura sogra nas conversas e ligando o facto ao nome, começou de augurar mal pelo futuro. De facto, com Bernarda constantemente, não poderia haver grande felicidade no «mènage.»

Por outro lado a pequena começou tambem a estar apreensiva e desgostosa, porque já todas as outras no hotel, decerto despeitadas por ela lhes ter biscado o az, juntanda ao dele o apelido dela, lhe chamavam por troça a M.elle Aguas Furtadas.

Ele passou a ser apodado pelos amigos de intrepido, de arrojado aviador, pelo perigoso raid matrimonial que estava preparando, e uma tarde, sem ser visto, poude ouvir o seu caso discutido de chacota.

Emquanto um dos amigos extranhava a coincidencia de D. Bernarda ser viuva dum oficial e querer agora outro para genro, alguem explicava, entre risadas:

— Mas não admira, é natural, porque as Bernardas metem sempre tropa.

E claro que neste ambiente, um tal idilio terminaria fatalmente p'lo ridiculo.

Mas as coisas complicaram-se ainda mais.

Um dia a pequena armou ao sentimento e num ar todo romantico quiz versos. Ele, aflito, alegou falta de rima. Ela pediu pelo menos verso branco.

Mas o cadete, que não sabia da existencia de versos de varias côres, ficou embatucado. Desculpou-se ainda com a falta de metro, de pratica, de inspiração...

Mas aqui ardeu Troia. Podia lá compreender-se que junto dela lhe faltasse a inspiração!! Se ele a amava como dizia, devia sentir-se até capaz dum poema épico.

O rapaz, supondo, lamentavelmente, que ela se referia a coisas hipicas, ainda alegou que era aviador e não oficial de cavalaria.

Mas a pequena, sem perceber a confusão, inquiriu, já duvidosa do seu afecto, se ele afinal não a amava como dizia, do fundo de toda a sua alma.

Ele garantiu que sim, que a amava, não só do fundo, mas até mesmo á superficie e prometeu que faria todo o possivel por lhe arranjar os versos que requeria.

Tinha-se lembrado por fim dum amigo, que tambem estava no hotel, um joven de 18 inspiradas primaveras, que todas as manhãs fazia pelo menos um soneto.

Tinha o habito de fazer sonetos como qualquer de nós tem o habito de fazer a barba.

A rapariga ficou, é claro, radiante e confessou então que pretendia apenas fulminar as amigas com essa prova do seu amor.

E já muito terna, conciliadôra, disse que nem um soneto era preciso; bastariam meia duzia de versos.

E para o orientar acrescentou:

—Uma coisa, por exemplo, neste genero que vou lêr.

«Ora ouve estes versos duma grande poetisa portuguesa, D. Branca de Gonta Colaço; uma lapidar e espirituosa definição do flirt:

> Flirt é um fio doirado,
> Sobre um rio atravessado
> Todo luz,
> Amor é o nome do rio;
> Quem não sabe andar no fio,
> Catrapuz...

O rapaz, apezar de ter os ouvidos um pouco duros para a poesia e para as coisas do espirito, ficou maravilhado e pediu-lhe o apontamento para, segundo dizia, se inspirar.

E foi logo procurar o amigo vate dos sonetos matutinos, pedindo-lhe encarecidamente uma coisa naquele genero.

E pediu a encomenda pronta sem falta no dia imediato, com o ar de quem pede meias solas numas botas.

O outro, amigo de brincar, prometeu solenemente dar o trabalho dentro do praso estipulado e no dia seguinte, cumpridor do prometido, deu ao mavortico galan os versos da encomenda.

O az, confiando plenamente no estro do amigo, correu a depô-los aos pés da sua dama.

E esta, num transporte, desdobrou nervosamente o manuscrito e leu esta verdade:

> O casamento, esse mar,
> Para quem se vai banhar,
> Visto de fóra, seduz.
> Mas ai, quanto desgraçado,
> Depois de ter mergulhado,
> Suspira aflito: Ai Jesus!...

Não é facil descrever o efeito que tais versos produziram.

O cadete, apesar de aviador, ficou sciente do efeito produzido pela explosão duma granada.

A pequena, indignada com a troça, destemperou. E ele, por fim, já farto tambem de aturar os seus caprichos, confessou qqe não estava p'ra maçadas.

E então disseram-se as ultimas.

No mais aceso do combate, no auge da discussão, ele chegou mesmo a declarar-lhe, que estando ela apta a fornecer uma Bernarda como sogra, só deveria escolher para esposo um revolucionário civil.

E por fim, já da porta, acrescentou:

— Sim, eu caía lá daí a baixo; para depois, até mesmo em casa estar sempre de prevenção...

* * *

D. Bernarda quando soube da scena trovejou, explodiu, gritou, mostrou os versos para desmascarar o atrevido, barafustou, ebria de colera, rubra de indignação e de furor.

Então uma das amigas, no feminino proposito de complicar o caso ainda mais, acirrando a furia da queixosa, comentou:

— Mas tem toda a razão, D. Bernarda. Olhe, eu é que não tinha querido dizer nada, mas já estava á espera disto. Eu sei bem a força dele. Tem feito o mesmo a todas. E' um garoto, um atrevido sem vergonha. Namora todas e não passa disto. Com aquela pequena de verde, teve ele namoro 15 dias; e depois, sem mais nem menos, pôz-se ao fresco. E a quantas outras fez o mesmo. Olhe, chegou a pedir a mão da Aninhas das Contreiras...

— E deram-lha?—fez D. Bernarda, furibunda.

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 6 — 3.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE
JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

28 NOVEMBRO 1926

LOGOGRIFOS

(A distinta Menina Xó, convidando-a a colaborar no Moinho)

1 Bem *facilmente*, podia,—10—3-7—13
No «Moinho», dar ingrésso.
Para nós, prazer seria
Vendo, nele, tal progresso.

A *origem*, já sabemos.—1—12—11—2—9—6—5
Não é coisa de esperar
Charadas? Mande uma, ao menos,
Isso, para experimentar.

Com este convite doce
Quem a pode *castigar?*...—4—12—10—8
O papá, mesmo, que fosse,
Resolvia colaborar.

Seu bondoso coração,
Em segredo, vai ditando:
—«Não faças *ingratidão*...—6-5—8—10—13—5—10
Mande, *sempre*; vá mandando
Que nós, vamos decifrando.

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.)

(Ao Rei do Orco)

Por andar com mexericos,
A mulher do Gil Candeia,
Este, deu-lhe uma tareia,
Das sem dó nem compaixão,
Com o tirapé do oficio:
Fez-lhe, na cara, um *inchaço*—4—8—6—6—2
E uma nódoa, num braço,
P'ra lhe servir de lição.
Sapateiro, bolchevista,
Ele é *macaco* sabido;—6—5—3—9—8
Tem *manha* e é conhecido,—1—10—4—5—2
Na povoação inteira.
Ora, o sujeito é patife;
Mas ninguem tem pena dela:
Foi uma ensinadela
P'ra não ser *coscuvilheira!*...

Porto — OTROPAVLIS

CHARADAS EM VERSO

(Agradecendo a D. Simpatico)

3 Em paga de tanta gentileza
Que, cá, eu «*marco*» no meu canhão,—2
Queira, amigo, fazer a fineza
De aceitar um aperto de mão.

Uma «*viscera*», decerto, eu dava—1
Se, acaso, não precisasse dela,
A quem esta reduzisse a pó...
Mas é tão facil que of'reço só
Uma *rosa branca*, p'ra a lapela.

Lisboa — D. GALENO, (T. E.)

4 Nesta terra tudo é provisorio,
Mesmo o pão, os feijões, os grelinhos...
Pois se *até* os decretos e as leis—2
São tambem a fingir, coitadinhos!...

A Estação do Terreiro do Paço,
Provisoria ha já bem uns cem anos,
E essa pesca nos nossos «costados»,
(Grande «mina» p'ra «nuestros hermanos»,)

Têm, tambem, solução provisoria.
Monumentos, jardins e mercados,
Provisorios na mesma, e os governos
Sempre nisto: altamente encravados

P'ra não serem tambem... provisorios.
Tudo *gosa*—que gente irrisória!—1
E a vergonha, onde pára? *Não* há;—1
Essa, então... nem sequer *provisória*...

Lisboa — JAMENGAL

5 Basta! Não comas tanto, fica sciente
Que sêr-se *comilão*, é pecha grada.—2
Tudo te serve: carne ou caldeirada
E, como rega, um pipo de aguardente.

Tu, mais tarde, de tanto dar ao dente,
Cais de cama, não podes comer nada
E arrependes-te (isto não te agrada!)
De não comer, enfim decentemente.

Não é tudo, pois, tens outro defeito
Que digo já, para não perder o *ensejo*—1
E's muito tolo, vê se tomas tento!...

Amigo, adeus. Por fim, com meu respeito,
Vai um *exagerado cumprimento*:
Saude e temperança, te desejo...

Lisboa — SPARTANUS

6 *Adeus*! Anjo que, tanto, te adorei!—2
Vou deixar este mundo enganador...
Só da *tua pessoa*, meu amôr—1
Levo recordações, porque te amei!

Foste a «*mulher*», a Diva que sonhei.—2
Em pensamentos bons, dei terno ardôr...
Hoje sómente, sonho no amargôr,
Porque tudo, na vida, detestei!

Não quero viver nesta confusão!
No mundo, tudo «*corre*», em turbilhão.—2
Eu não quero viver mais, iludido!

Oh! Deixa-me abraçar a negra Morte
Pois, só ela, será a feliz sorte
Do meu corpo já velho e *combalido!*

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM FRASE

7 Como é que o senhor «*prova*» que o «*filho de Apolo*» fosse um *hipocrita?*—1—2

Lisboa — AFRICANO

8 Devemos *estabelecer* o nosso «*futuro*» para o «*futuro*»—1—3

Cascais — ANELE

9 «*A estrela da tarde*» prende a minha *atenção* por ser... a estrela *da tarde*.—2—2

Lisboa — BIXO KNHOTO

10 *Ainda* que a *corda* rebente, não ha *obstaculo*.—1—3

Lisboa — CALTAR

(Ao insigne Viriato Simões, *com o devido respeito)*

11 Com este «*instrumento*» fazes uma incisão no *tumor* e lava-o, depois, com um cosimento, feito deste «*genero de plantas*»—1—1

Lisboa — CASTROLIVA

12 Então uma *pessoa importante* é obrigada a saber como se chame o *buraco da agulha*? Mas que disparate ¡ão *intenso!*...—2—1

Lisboa — DROPÊ

(A Anele, agradecendo a imerecida classificação que me deu)

13 A «Mamego» *sai-se bem de qualquer empresa*, mas *onde* toca a charadas só tem *ganho por bamburrio*.—4—1

Lisboa — MAMEGO

(Agradecendo á ilustre confreira Mamego)

14 Uma pessoa prudente não *faz barulho* por «causa» duma *insignificancia*.—3—1

Lisboa — MARIANITA

15 O *espadarte* depois da *milha percorrida pelo navio* virou o «*barco usado no Mondego*».—2—1

Lisboa — SATURNO

16 Entrou *aqui* algum homem *com* um *chapeu* muito pequeno e ridiculo?—1—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

ENIGMA FIGURADO

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anuladas *sem distinção* todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem originais.

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 96

HORIZONTAIS.—1 Cré-Angra-Cró, 2 Aa-S-Aio-S-Ir, 3 L-Bua-L-Rís-A, 4 Corro Tabua, 5 F-Arrufadas-D, 6 Ai Ao-A-Io-Mó, 7 Dão-Co-Má-Rés, 8 As-Lh-P-Rã Lã, 9 R-Chafarica-R, 10 Fiada-Soído, 11 L-Anã-M-Sei-S, 12 Eu-A-Ceu-S-Mu, 13 Ume-Casta-Vil.

VERTICAIS.—1 Cal-Fadar-Léu, 2 Rã C-Ias-F-Mu, 3 E-B á-O-Cia-E, 4 Surra-Lhana, 5 A-Arrochada-C, 6 Na-Ou-N-Fa-Cá, 7 Gil-Fa-Pá-Mês, 8 Ro-Ta-M-Rs-Ut, 9 A-Radiários-A, 10 Sabão-Acies, 11 C-Sus-R-Adi-V, 12 Ri-A-Mel-O-Mi, 13 Ora-Do sar-Sul.

NOTA IMPORTANTE—Excepcionalmente e, por conveniencia de «Expediente», o «Quadro de Honra» relativo a estas decifrações, sairá no proximo numero.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaboradôr «Pausanias».

HORIZONTAIS.—1 mulher muito bela, 2 enf m, 3 cova p ra bacêlo, 4 objecto adorado, 5 ama muito, 6 cabeleira, 7 «nota» 8 Org o humano, 9 uteusilio agricola, 10 ofereci, 11 caminhar, 12 «nota» (inv.), 13 gastador, 14 instrumento; 15 odio, 16 ti ulo dos soberanos do antigo Egipto (inv.), 17 elevado, 18 viço das plantas, 19 caminhavas, 20 transpir › (inv.), 21 homem, 22 estrondo, 23 enrêdo, 24 aguça, 25 pa ent (inv.), 26 planta venen sa (plu.), 27 ocasião, 28 argola, 29 navega, 30 Três letras de Ogiva, 31 animação, 32 quantidade, 33 pedra pr ciosa, 34 vicio, 35 «nota», 36 acima! 37 interjeição, 38 monograma, 39 contracção dum artigo com um pronome (plu.), 40 homem que bebe muito.

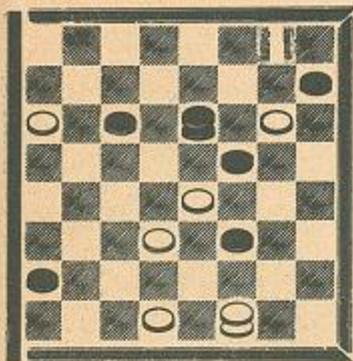
VERTICAIS.—1 doença de cavalo, 41 zomba, 42 mulher, 2 letra grega, 43 louvara, 44 cinco letras de Ricardo, 45 tôdas as letras de MEDO, 3 epoca, 46 «nota» 47 anão (pl.), 48 consentimento, 49 batraquio, 7 cidade marroquin , 11 jornada, 50 elemento (inv.), 51 mentira, 13 multas pelo uso de coisas proibidas (pl.), 52 trôpego, 53 seis letras de Duraque, 14 o que se sustenta de serpentes, 54 o que se alimenta de azeitonas, 55 sulco destinado ás aguas da rega, 56 ferida, 57 três letras de Garra, 58 peneirar, 59 apelido, 22 artigo-pl. (inv.), 23 boato (pl.), 60 todas as letras de Sacola, 26 aqui, 61 praça forte de Italia, 62 A «cabeça» (pl.), 63 «nota», 64 todas as letras de MEL, 65 ave, 34 parente.

Varia

Solução do problema n.º 97

	Braucas	Pretas
1	12-16	19-12
2	17 26	31-22
3	1-6	10-1 (D)
4	7-17-26-19-28	1-19
5	28-15	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 98

Pretas 1 D e 5 p.

Brancas 1 D e 5 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 96 os srs.: Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), Palg (Arcos de Valdevez), Sueiro da Silveira, Vitor dos Santos Fonseca.

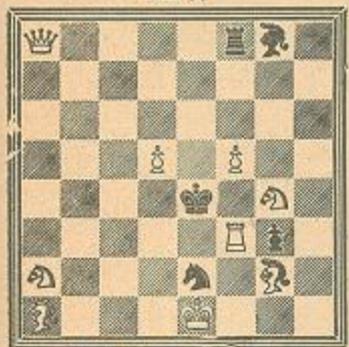
O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Neulame (Figueira da Foz).

NOTA.—O problema publicado no numero anterior é 97 e não 96; e a solução no mesmo numero publicada é do problema 96 e não 97.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 98

Por T. Taverner

Pretas (5)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 97

1 D. 1 C R

Resolveram o problema n.º 96 os srs. Nunes Cardoso; Maximo Jordão; Grupo de Amadores de Xadrez de Rio de Moinhos (Abrantes) e prof. Sueiro da Silveira.

«Match Gremio Literario-Club Portuense (Porto).»

As equipes d'estes Clubs que estão jogando por correspondencia são dirigidas, a de Lisboa pelo senhor E. Maldonado Pellen e a do Porto pelo senhor M. de Lencastre Motta Ribeiro.

A partida de Lisboa abriu pelo «Ruy Lopez», e a do Porto pelo «Gambito do Rei».

Leopoldo da Belgica e Astrid da Suecia, duques de Brabante

A 3 de Novembro de 1902, os canhões da Bélgica, os que depois, durante a maior guerra, se ouviram em todo o mundo, deram uma salva de cincoenta e dois tiros. Ao soar o quinquagéssimo segundo tiro, a multidão exclamou: «*E' um principe!*» Se o canhão parasse nos cincoenta e um, seria uma princesa...

Acabava de nascer o principe Leopoldo, o mesmo que, ha dias, no dia 8 doutro mês de Novembro, e tambem ao som do troar festivo dos canhões, viu chegar, tôda de branco sôbre o alvo cruzador *Fylgia*, a sua noiva bem amada.

O principe Leopoldo da Bélgica e sua esposa, a princesa Astrid da Suécia

Leopoldo da Bélgica é querido pelos belgas, por varias razões, mas principalmente por se parecer com seu pai, o mais querido dos soberanos europeus. Na Bélgica, até os republicanos são «albertistas»! A familia real belga é alvo da ternura de todos os seus subditos, que a conhecem intimamente. Todos sabem que o principe Carlos, o filho mais novo, é mais estouvado e brincalhão do que nunca foi Leopoldo, e que a princesa Maria José só a muito custo respeita o protocolo Quando o poeta Emilio Verhaeren foi hóspede dos suberanos belgas, no castelo de Ciergnou, a princesa, então pequenita, meteu-se debaixo da mesa, durante o jantar...

Leopoldo foi sempre um rapazito sério, grave, um pouco taciturno, incapaz de contrariar seus pais, na mais pequena cousa. Para êle, a guerra não foi «quatro anos de férias», como foi para seus irmãos. Quando seu pai estava no *front* e sua mãe nas ambulâncias, o duque de Brabante compreendeu qual era tambem o seu lugar. Enquanto seus irmãos viviam tranquilos, libertos da etiqueta, em La Panne, êle dizia adeus á adolescência e, com treze anos, a 8 de abril de 1915, incorporava-se no exercio belga. Não gozou da menor regalia, por ser filho de reis. Começou, como outros, por encher de areia os sacos das trincheiras a que os soldados flamengos chamavam *vaderlanden*, isto é, *terra da patria*. Uma escritora que lhe traçou a biografia conta que, um dia, o principe, muito fatigado, adormeceu encostado a um companheiro. Acordado pelo canhão, perguntou, muito aflito, quanto tempo dormira.

— «Só cinco minutos, meu senhor», respondeu o companheiro, respeitosamente. Tinha dormido cinco horas, o pobre rapazito de treze anos!

Depois de seis mezes de trincheiras, Leopoldo foi interno para o colegio de Eton, enquanto seus irmãos passavam uma temporada no castelo de Lord Curzon. No colegio, tambem não beneficiou de qualquer excepção. Teve o posto de *pag*, que impõe ao novato a obrigação de preparar o chá, o fogão e o banho do *pag master*. A's ordens do visconde de Kingsborough, cujas maneiras de falar admirava ingenuamente, Leopolao foi um *pag* modelo. Depois da guerra, o duque de Brabante começou desempenhando o papel social que convem á sua gerarquia, inaugurando monumentos, visitando fábricas, dansando mal nos bailes das embaixadas, não sendo um conversador brilhante, mas encantando tôda a gente pelo seu ar simpático, a sua figura esbelta, os seus olhos azuis sonhadores. Raras vezes sorri e só agora, por ocasião do seu casamento, os belgas lhe viram no rosto a alegria própria da sua radiosa mocidade. Interessa-se imenso pelos assuntos respeitantes ao Congo Belga e será um cioso defensor do dominio colonial da sua pátria. O cardeal Mercier, moribundo, conversou sem testemunhas, durante mais duma hora, com o duque de Brabante, que se separou dêle, soluçando. E' possivel que o principe da Igreja, nos seus últimos momentos, enraizasse ainda mais, se era possivel, o culto da Pátria, na alma do principe de sangue.

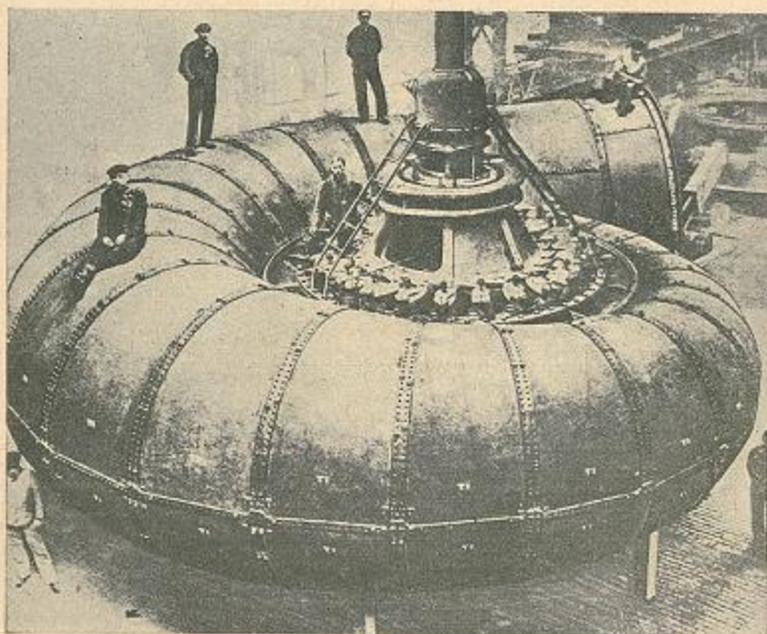
Não admira portanto, que os belgas amem o duque de Barbante e que fossem bem sinceras as palavras duma mulher do povo que, há poucas semanas, encontrando a rainha Isabel, no momento em que esta ia votar, lhe desejou «*muitas felicidades para o seu Leopoldo*».

Astrid, a nova duquesa de Brabante, foi criada com a mesma simplicidade que presidiu á educação de seu marido. Seguiu cursos de cozinha e passou um ano inteiro a adormecer criancinhas pobres, nas creches de Stockholmo, ou seja fazendo o seu aprendizado de mãe. Os principes e princesas da Suécia são por tradição obrigados a viver em contacto com tôdas as classes sociais e na Universidade de Upsal há sempre um principe de sangue que usa o barretinho branco dos estudantes e joga á bola com os seus companheiros. Num dia de festa de familia, os filhos do principe herdeiro, para poderem ir tomar uma chavena de chocolate com a avó—a rainha da Suécia—tiveram que pedir licença e apresentar uma carta da soberana ao director.

O namôro (que passe o têrmo plebeu!) do principe Leopoldo com Astrid foi rodeado do maior incógnito. Para desviar as atenções, o principe chegou a viajar em terceira classe, sosinho, e saiu da estação fumando serenamente, quando a multidão o esperava, á portinhola dum *wagon-lit*. Durante as cerimónias do casamento—porém, o principe teve que sofrer tôdas as exigencias do protocolo. Ao seu casamento civil, em Stockholmo, assistiram quatro reis—os da Suécia, Bélgica, Dinamarca e Noruega—e duas rainhas—as da Bélgica e da Dinamarca—, desasseis principes e doze princesas. Essa cerimonia foi imponentissima e teve logar na grande sala de Estado. As fórmulas sacramentais do casamento civil foram lidas pelo burgomestre de Stockholmo, o snr. Lindhagen, homem de idéas avançadas, a atirar para bolchevista, mas incapaz de fazer mal seja a quem fôr ou mesmo a uma simples mosca...

Luta de vida ou de morte

Inimigos figadaes, uma serpente e um galo americano preparam-se para uma luta onde um deles deixará a vida. E' este um dos espectaculos mais emocionantes do Jardim Zoologico e sportivo da livre America, sendo pagos a peso de oiro os logares donde se desfrutam estes combates pitorescos e ineditos entre os animais inimigos.

Uma maquina formidavel

E' esta turbina colossal a maior que se tem feito e que se destina a uma grande central motriz na Alemanha. O seu preço computado em milhões de marcos-ouro pagaria metade da nossa divida de guerra.

As creanças desportistas

1—Os mais pequenos pugilistas do mundo. Um combate em Filadelfia. 2—Um atleta de 4 anos. O pequeno Arthur Aumut, notavel pelo seu trabalho de argolas, apresentado no Coliseu de Munich. 3—A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETE. Chegada á Lisboa dos corredores Frederico Serra e João Gomes, que concluiram a volta a Portugal em biciclete.

Um passaro raro

Esta ave, de bonacheirona expressão, é a rarissima cegonha da Africa central que, com surpreza dos naturalistas, começa aparecendo com frequencia no baixo Nilo.

PUBLICIDADE

ANTONIO DE PAULA LOPES

Sucessor de ANTONIO MARIA LOPES

Armações completas de egrejas, salas e teatros em todos os generos
Riquissimo "stock" de veludos e sedas ornamentais

A MAIOR E MAIS ANTIGA CASA DO SEU GENERO NA PENINSULA

RUA DA PALMA, 5, 1.º Telefone N. 2973

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

"LINFATINA" Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «LINFATINA»—Nobre Sobrinho.
DEPOSITO
Teixeira Lopes & C.ª Ltd.
45, Rua de Santa Justa, 47
LISBOA

CARDOSO

TELEF. 333 C.

134, RUA DA PRATA, 136

LISBOA

DE LUTO

CHAPEUS PARA SENHORAS

COM MODELOS DE CHAPEUS ADQUIRIDOS EM PARIS

SAES DE KRUSCHEN

KRUSCHEN DISPÕE BEM

O velho rejuvenescido deleita-se em patentear a energia que aos 60 o conserva plenamente sadio e jovial, dessa jovialidade cujo convivio nos contagia. Esta é a recompensa com que o

KRUSCHEN

o favorece—a disposição de uma permanente e feliz juventude.

E' tão simples de obter! Cada manhã com uma pitada apenas de SAES DE KRUSCHEN em uma chavena de café, negligencia intestinal, falta de apetite, dôres de cabeça, depressão, dôres gotosas e reumaticas desaparecem sob o predominio de uma exuberante mocidade, de um fisico bem estar, DISPENSANDO UM ESCUDO POR SEMANA.

A' VENDA NAS BOAS FARMACIAS
DEPOSITO:
LISBOA – Rua 24 de Julho, 56
HERBERT CASSELS, JR. Telef. C. 3256

Tubos de Ferro

E acessories pretos e galvanizados,
Torneiras valvulas, etc.
Preços resumidos
PEDIR TABELA

E. LABAT, LTD.ª
RUA DO ALECRIM, 48

MANICURE E MAÇAGISTA

Pelos mais modernos processos parisienses se trata da cultura e tratamento da beleza das Senhoras. Cuidados dos cabelos.
Especialidade em penteados para noivos.
Vendem-se productos de beleza dos principais auctores.

RUA DO SOL (ao Rato), 215, 3.º

UM EXITO DE LIVRARIA

LEITÃO DE BARROS

Elementos de Historia da Arte

LIVRO UTILISSIMO A TODOS

Pedidos á PALETA D'OURO

RUA DO OURO, 72—LISBOA

Natal de 1926

NUMERO ESPECIAL

Muitas paginas Muita leitura

Construcção Civil

SERRALHERIA

DE

Albano de Souza Valadares

19 ESTRADA DA DAMAIA

BEMFICA

Trabalhos garantidos em todos os generos

Orçamentos gratis

FOTOGRAFIA FRANCEZA

A MELHOR FOTOGRAFIA DE LISBOA

CASA ANTIQUISSIMA E DOS MELHORES CREDITOS

ESPECIALIDADE EM

Retratos-Esmalte

MAXIMA SERIEDADE, PRONTIDÃO E ACABAMENTO

Lisboa à Moda

BARLEY & ALMEIDA

CAMISARIA, GRAVATARIA E CHAPELARIA

ARTIGOS DE NOVIDADE PARA HOMEM

106, R. DO OURO, 108 95, R. DE S. NICOLAU, 97

LISBOA

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS

ASSINATURAS

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS E UTILIDADES